

A MISSÃO E A MORTE DE S. TOMÉ APÓSTOLO NO SUL DA ÍNDIA E A HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA DOS SÉCULOS XVI E XVII

CRISTINA OSSWALD

CITCEM - UNIVERSIDADE DO PORTO

osswaldcristina@gmail.com

RESUMO: O texto mais antigo que se conhece e que narra o presumível apostolado de S. Tomé e a sua morte no Sul da Índia é o texto apócrifo dos atos siríacos de Tomé escritos na Mesopotâmia, c. 220-230. A chegada portuguesa à Índia foi decisiva para a difusão do presumível apostolado e da morte de S. Tomé na Índia do Sul. Pois, a existência de comunidades cristãs produtoras de pimenta, produto muito desejado pelos portugueses, e ainda dum túmulo dum apóstolo constituem argumentos suplementares e da maior relevância justificando o processo expansionístico em curso. A defesa acérrima desta tese por parte da Coroa e dos seus representantes pode ser explicada dentro do contexto da competição político-devocional entre as duas coroas ibéricas. Ao guardar um túmulo dum apóstolo, a Coroa Portuguesa ganhava um estatuto devocional semelhante ao estatuto da sua congénere castelhana, guardiã do túmulo de Santiago. A descrição mais antiga na literatura portuguesa do “túmulo indiano” deve-se a Duarte Barbosa, e foi escrita c. 1516. À semelhança dos cronistas régios, todas as ordens religiosas no Oriente e seus cronistas aceitaram, sem dificuldade, a tese da missionação e da morte do Apóstolo S. Tomé na Índia. Esta figura assumiu, porém, um papel especial para a missão jesuíta, cuja hagiografia difundiu a ideia de S. Francisco Xavier, como segundo S. Tomé Apóstolo. Além da defesa da veracidade do túmulo, a assim chamada lenda do pavão e as profecias da água eram dois temas muito tratados pela historiografia portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: S. Tomé; Historiografia; Índia.

ABSTRACT: The earliest known text that chronicles the presumed apostolate of St. Thomas and his death in South India is the apocryphal text of the Syriac acts of Thomas written in Mesopotamia, c. 220-230. The Portuguese arrival in India was decisive for the spread of the presumed apostolate and the death of St. Thomas in South India. The existence of Christian communities producing pepper, a product much desired by the Portuguese, and even a tomb of an apostle are arguments supplementary and of greater relevance justifying the ongoing expansionary process. The staunch defense of this thesis by the Crown and its representatives

can be explained within the context of political-devotional competition between the two Iberian crowns. In guarding an apostle's tomb, the Portuguese Crown gained a devotional status similar to the status of its Castilian congener, guardian of the tomb of Santiago. The earliest description in the Portuguese literature of the "Indian tomb" is due to Duarte Barbosa and it was written c. 1516. Like the royal chroniclers, all the religious orders in the East and their chroniclers accepted without difficulty the thesis of the mission and death of the Apostle St. Thomas in India. This figure, however, assumed a special role for the Jesuit mission, whose hagiography spread the idea of St. Francis Xavier, according to St. Thomas the Apostle. In addition to the defense of the truth of the tomb, the so-called peacock legend and the water prophecies were two themes much treated by Portuguese historiography.

KEY-WORDS: St. Thomas; Historiography; India.



Fig. 1: Michelangelo Merisi da Caravaggio, *A Incredulidade de S. Tomé*, óleo sobre tela, 1600-1601, Bildergalerie, Potsdam, Alemanha: (Fotografia da Wikipedia) https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e0/Caravaggio_The_Incredulity_of_Saint_Thomas.jpg; (Acesso em 17 de Janeiro de 2018).

A tese da missão e da morte de S. Tomé Apóstolo na Índia durante a Época Medieval

O texto mais antigo que se conhece e que narra o presumível apostolado de S. Tomé e a sua morte no Sul da Índia é o texto apócrifo dos atos siríacos de Tomé escritos na Mesopotâmia (c. 220-230). Este texto, repleto de episódios taumatúrgicos, apresenta Tomé, cujo nome completo seria Dídimo Judas Tomé, enquanto irmão gêmeo de Cristo, rezando em toda a Índia. Segundo o mesmo texto, Cristo ressuscitado teria determinado que Tomé fosse vendido como escravo na Índia, onde foi primeiro carpinteiro e depois arquiteto do Rei Gundafaro. Na Índia, em vez de construir um palácio para o Rei Misdai, Tomé distribuiu o dinheiro entre os pobres. Tal determinou a sua execução colocada no ano de 52. A partir do séc. IV, a presumível evangelização do Sul da Índia pelo Apóstolo Tomé foi tratada por uma série de autores, como S. Efrém de Nisibis (c. 306-373), S. Gregório Nazianzeno (c. 329-390), Santo Ambrósio (c. 333-397), Cirilonas (fins do séc. IV), S. Jerónimo (c. 342-419).

Na Europa, a tradição da missão, do martírio e da morte de S. Tomé na Índia do Sul, mais precisamente num contexto geográfico que corresponde hoje aos estados do Kerala e do Tamil Nadu, difundiu-se, em especial, a partir do séc. XII, em ligação com as cruzadas e os crescentes contactos entre a Europa e a Ásia. Entre outros, Marco Polo, que no seu regresso à Europa passou em 1292 pela Índia, dedicou um capítulo a S. Tomé na sua obra *Il Millione*, também conhecida pelo *Livro das Viagens de Marco Polo* (1298-1299). São os supostos feitos de Tomé destacados ainda na *Legenda Aurea*.¹

Independentemente de a quem se deveu, de facto, a conversão ao cristianismo dos primeiros indianos, a existência de antigas comunidades de cristãos na Índia e ainda em outros pontos da Ásia, como a China, encontra-se referida documentalmente desde o séc. IV². Entre as fontes antigas mais importantes, destaca-se a obra *Topografia Christiana*, tradicionalmente atribuída ao monge egípcio talvez nascido em Alexandria e viajante da Índia Cosmas Indicopleustes (cerca de 550)³. Esta obra descreveu a existência destes cristãos na atual ilha de

¹ STORCK, H. W. – Thomas, Apostel. In HÖFER, J.; RAHNER, K. (ed.) – *Lexikon für Theologie und Kirche*. Freiburg in Breisgau, 2 ed., 1964, pp. 1506-1507.

² THOMAZ, L. F. R. – *A carta que mandaram os padres da Índia, da China e da Magna China: um relato siríaco da chegada dos portugueses ao Malabar e seu primeiro encontro com a hierarquia cristã local*. «Revista da Universidade de Coimbra», 34 (1991), p. 124.

³ Constantino de Antioquia, conhecido como Cosmas Indicopleustes ou viajante indiano, devido às suas navegações nos mares da Índia, era um mercador egípcio e sírio do séc. VI. Independentemente de quem foi o autor da *Topographia*, trata-se duma das primeiras obras de geografia científica e com importantes contribuições de cosmografia. (PAGANI, I. – *Cosma Indicopleuste: un viaggiatore del VI secolo tra geografia e mística*. In *Storia del*

Ceilão, no Sul da Índia, e ainda na Ilha de Socotorá⁴.

Foi precisamente nos finais da Idade Média que a existência de cristãos vivendo no Sul da Índia e que são conhecidos por cristãos de S. Tomé, devido a acreditarem que teriam sido convertidos pelo Apóstolo, chegou ao conhecimento dos europeus. Diga-se, ainda, que a designação Cristãos de S. Tomé surgiu precisamente no Ocidente num relato de viagem do missionário franciscano italiano Giovanni de Marignolli. Este missionário, que viveu dezasseis meses, de 1348 a 1350, entre estes cristãos, escreveu que “não se tratava de sarracenos proprietários de campos de pimenta, mas de cristãos do Apóstolo de S. Tomé”⁵. De facto, os cristãos de S. Tomé constituíam a mais importante comunidade produtora de pimenta na área que corresponde atualmente ao Kerala central.⁶

A Coroa Portuguesa e os cronistas

O cronista João de Barros, encarregado de escrever a história oficial dos feitos portugueses na Ásia, sintetizou, como se segue, o papel principal dos reis D. Manuel e D. João III na busca de informações relativamente à tese da missão e da morte do Apóstolo Tomé na Índia:

Uma das coisas que el Rei D. Manuel I muito encomendava aos governadores da Índia, era que muito particularmente soubessem o que tinha aquela Crisandade do Oriente da vida de S. Tomé, e se era verdade que o seu corpo jazia naquelas partes: e outro tanto mandou el Rei D. João seu filho depois que reinou⁷.

Nos finais da Idade Média, verificou-se um certo hiato nos contactos entre a Europa e o Oriente, devido a uma série de fatores, como a peste Negra ou o Cisma do Ocidente. Tal situação reverteu-se no início do séc. XVI. O início da presença territorial dos portugueses na Índia ocorreu precisamente em zonas habitadas por cristãos de S. Tomé, mais precisamente em Cochim (1505) e em

Mondo 7.7, Abril 2003). Disponível em < <http://www.storiadelmondo.com/7/pagani.cosma.pdf>>. [Última realizada em 22 de Dezembro de 2017].

⁴ Neste trabalho, foi consultada a seguinte edição: INDICOPLEUSTES, C. – *The Christian Topography of Cosmas, an Egyptian Monk: Translated from the Greek and edited with notes and introduction*. Cambridge, 2010, pp. 365-367.

⁵ Citação de MARIGNOLLI, Giovanni de, in Thomaz, L. F. R. – *A Lenda de S. Tomé apóstolo e a expansão portuguesa*. «Lusitânia Sacra», 3 (1991), p. 397.

⁶ Malekandathil, P. – *Cross, Sword and Conflicts: A Study of the Political Meanings of the Struggle between the Padroado Real and the Propaganda Fide*. «Studies in History», 27 (2011), p. 256.

⁷ BARROS, J. – *Ásia: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*. Lisboa, reedição, 1992, 3ª Década, p. 304.

Cananor (1507-1508).

Mathias Mundadan, um dos mais reputados historiadores dos cristãos de S. Tomé no séc. XX, observou:

O encontro entre o Ocidente Cristão representado pelos portugueses e a Índia foi um encontro fenomenal. Os portugueses alcançaram a realização das suas esperanças e dos seus sonhos longos, não apenas ao descobrirem a Índia e as suas ricas fontes comerciais, mas ao entrarem em contacto com os cristãos da Índia⁸.

Ou seja, os portugueses dispunham agora, na figura de S. Tomé e nesta comunidade cristã espalhada pelo Oriente, de argumentos suplementares e da maior relevância, justificando o processo expansionista em curso. Por tal razão, a Coroa tornou-se no principal agente da difusão da tese da missão e da morte na Índia do Apóstolo S. Tomé. O zelo missionário da Coroa, através do Padroado Português do Oriente, levou ao recrudescimento do interesse pela tese da missão e do martírio de S. Tomé, “figura na interseção de religião e império” ou “sanção divina das ambições imperialistas [dos portugueses]”⁹, a que não era indubitavelmente estranho o papel desempenhado por estes cristãos orientais no comércio da pimenta. Estes não podiam corresponder melhor à célebre e provavelmente lendária resposta ao samorim de Calecute e atribuída a Vasco da Gama “que os cristãos tinham vindo para a Índia, à procura de cristãos e especiarias”.

Enquadraram-se nesta estratégia os contactos diretos e epistolares entre cristãos de S. Tomé e membros da coroa portuguesa, incluindo os reis, as campanhas de inquirições acerca da vida do santo, das circunstâncias da sua morte e ainda da veracidade do assim designado túmulo indiano (1517, 1519, 1523, 1530, 1531, 1543, 1589 e 1600), porventura acompanhadas de escavações arqueológicas (1523, 1531 e 1547) e toda a documentação em forma de crónicas, relatos e cartas, a cargo de cronistas da Coroa, e de missionários que trabalhavam em íntima ligação com a Coroa.

Uma carta do rei D. Manuel I ao rei de Calecute, com a data de 1 de Março de 1500, refere a tese da divisão da terra a evangelizar entre os apóstolos, tendo S. Tomé e S. Bartolomeu sido destinados à evangelização da Índia¹⁰. No ano

⁸ MUNDADAN, M. – *The St. Thomas Christians and the Portuguese*. In *Vasco da Gama e a Índia – Conferência Internacional*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, vol. III, p. 7.

⁹ BROCKEY, L. – *Doubting Thomas: The Apostle and the Portuguese Empire in Early Modern Asia*. In LIEURE, K. et alii (ed.) – *Sacred History: Uses of the Christian Past in the Renaissance World*. Oxford, 2012, p. 233.

¹⁰ “Carta do Rei D. Manuel I ao Rei de Calecute, Lisboa, 1 de Março de 1500”. In Castanheda, F. L. – *História*

seguinte, a frota de Pedro Álvares Cabral levou para Portugal não só as notícias relativas ao primeiro encontro entre portugueses e cristãos de S. Tomé na cidade de Cananor, como ainda os dois sacerdotes indianos Matias e José. Matias morreu em Portugal, mas José seguiu de Lisboa para Roma e Veneza, onde prestou informações acerca da sua cristandade. O rei D. Manuel encontrou-se com José em Lisboa, de quem ouviu um relato muito extenso acerca de ritos e costumes dos cristãos indianos e ainda sobre o assim designado túmulo indiano do Apóstolo Tomé que se localizará em Meliapor, por isso designada como S. Tomé de Meliapor pelos portugueses, atualmente parte de Chennai, capital de Tamil Nadu¹¹. Considere-se ainda, como sintomático da importância do tema para o rei D. Manuel, o seu entusiasmo ao dar a notícia do encontro de portugueses com cristãos da conversão de S. Tomé e do sepulcro do santo “em uma cidade que se chama Maylapur”, numa carta enviada aos reis de Castela a 28 de Agosto de 1501¹².

Destaque-se que, a partir de D. Manuel I, os reis e seus representantes máximos no Oriente, os governadores e vice-reis, tinham por hábito recomendar aos seus subordinados que procedessem à recolha de informação credível sobre a missão de S. Tomé e ainda do seu suposto “túmulo indiano”. Assim, em 1507, o vice-rei D. Francisco de Almeida enviou quatro homens para que:

*tomassem muita informação da casa do apóstolo S. Tomé que lá estava segundo tinha informação por alguns homens do Malabar que diziam serem cristãos da ensinança do Santo Apóstolo de que tinha muito desejo de saber a verdade*¹³.

Dois destes homens morreram, mas os outros dois informaram o vice-rei acerca da existência da casa e capela de S. Tomé na Costa do Coromandel¹⁴. No “Regimento” de Diogo Lopes de Sequeira, de 1508, o rei mandava que recolhesse notícias do apóstolo S. Tomé e que em todas as terras perguntasse por cristãos. Se os encontrasse, não deixasse de os agasalhar e honrar, dando-lhes a

do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses. Porto, 1979, vol. I, pp. 80-81.

¹¹ Barros, J. – *Ásia*. Ob. cit., 1ª Década, 1988, p. 198.; Faria e Sousa, M. – *Ásia Portuguesa*. Porto, 1945, vol. I, p. 137; e WINIUS, G. – *Portuguese Shadow Empire in the Bay of Bengal*. «Revista de Cultura de Macau», 13/14 (1991), pp. 273-274.

¹² *Trelado da carta que elRey nosso senhor escreveu a elrey e à Rainha de Castella seus padres da nova da Índia*, publicado por CANTO, Eugénio do. Lisboa, 1906.

¹³ Correia, G. – *Lendas da Índia*. Porto, 1975, vol. I, pp. 739-740.

¹⁴ Lovie, D. – *Vestiges of Old Madras, 1640-1800: traced from the East India Company's records preserved at Fort St. George and the India Office and from other sources*. Toronto, 1913, p. 579.

esperança de serem libertados e fazerem bom trato¹⁵.

Em especial, os relatos das duas visitas de 1517 e 1521 ao local do túmulo de S. Tomé concordam com a narrativa que circulava em Portugal no início do séc. XVI, como tinha sido transmitida por Gregório de Tours e Marco Polo¹⁶. Na realidade, o livro de Marco Polo já era conhecido na corte portuguesa, desde a primeira metade do séc. XV. Este livro foi trazido para Portugal pelo infante D. Pedro em 1428 (oferta dos venezianos), existindo já na primeira metade do séc. XV uma tradução em português, segundo indicado pela lista dos livros pertencentes ao seu irmão, o rei D. Duarte. Esta versão, provavelmente traduzida pelo próprio D. Pedro, terá sido usada na impressão de 1502 pela tipografia de Valentim Fernandes¹⁷.

A edição de 1502 incluía ainda o relato recente de Niccolò de' Conti (a primeira edição das viagens na Ásia data de 1444) acerca do túmulo do santo. Este veneziano, que tinha viajado extensivamente na Ásia, observou que “os restos do santo foram encontrados enterrados honrosamente numa igreja muito larga e bonita.”¹⁸. No livro que contem as suas viagens fantasiosas pela Índia, o infante D. Pedro afirmou ter visitado o túmulo de S. Tomé em Meliapor. Esta obra contem ainda uma engenhosa narrativa relacionando S. Tomé com o Preste João, segundo a qual o primeiro batizou o segundo¹⁹.

Os documentos emanados das inquirições são tanto mais importantes, quanto eram conhecidos e usados pelos cronistas religiosos e leigos. Por exemplo, Faria e Sousa mencionou as inquirições de 1517, enquanto nas *Décadas da Ásia* (com primeira edição entre 1552 e 1563) João de Barros usou, sobretudo, as inquirições de 1517, 1519, 1522 e 1533²⁰. Em simultâneo, estes homens, na sua busca de veracidade histórica, juntaram nova informação escrita e iconográfica de relevância para um maior conhecimento da presumível atividade e morte de S. Tomé no Sul da Índia.

A descrição mais antiga na literatura portuguesa do “túmulo indiano” deve-se a Duarte Barbosa e foi escrita por volta de 1516²¹. Este relato só foi publicado

¹⁵ “Regimento de Diogo Lopes de Sequeira, 12 de Fevereiro de 1508”. In *Documentação para a História das Missões do Padoado Português do Oriente*. Ed. de REGO, A. S. Lisboa, 2ª edição, 1991, vol. II, pp. 63-64.

¹⁶ BROCKEY – *Doubting Thomas: The Apostle and the Portuguese Empire in Early Modern Asia*. Art. cit., p. 234.

¹⁷ MORENO, H. B. – *A origem do plano da Índia: O mapa veneziano do Infante D. Henrique*. In MARQUES, A. P. (ed.) - *A maldição da memória do Infante Dom Pedro e as origens dos descobrimentos portugueses*. Figueira da Foz, 1994, pp. 157-158.

¹⁸ CONTI, N., in BROCKEY – *Doubting Thomas: The Apostle and the Portuguese Empire in Early Modern Asia*. Art. cit., p. 236.

¹⁹ *Libro del Infante D. Pedro de Portugal*, publicado por ROGERS, F. M., Lisboa, 1962, pp. 46-49.

²⁰ SOUSA, M. F. – *Ásia Portuguesa*. Lisboa, 1945, vol. I, p. 101; e BARROS – *Ásia, 3ª Década*. Ed. cit., pp. 304-307; e CORREIA, G. – *Lendas da Índia*. Ed. cit., vol. II, pp. 722-725.

²¹ Usa-se neste texto a versão de 1989: *Libro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*. Ed. de ALBUQUER-

no início do séc. XIX. No entanto, era conhecido pelos mais importantes cronistas quinhentistas e seiscentistas da Ásia Portuguesa, como Lopes de Castanheda, João de Barros, Damião de Góis ou ainda Paulo da Trindade²².

Por sua vez, o cronista Gaspar Correia visitou Meliapor, pelo menos, duas vezes. Durante a primeira visita, em 1521, fez uma pintura da casa e viu uma pedra onde o apóstolo teria deixado uma pegada e uma joelhada, de acordo com a tradição local. Escreveu ainda que alguns locais lhe tinham oferecido um bocado de pedra, que acreditavam tivesse a figuração do polegar e mais dois dedos da mão²³. É ainda provável que Correia tenha feito um segundo desenho do túmulo de Meliapor em 1534, pois uma carta de moradores diz que em “um ano de 1534, Gaspar Correia tirou esta povoação pelo natural”²⁴.

De igual modo, João de Barros estava em posse de importante informação relativa a S. Tomé. O cronista recebeu um desenho da suposta pedra do martírio e também terá recolhido informação acerca de S. Tomé e da cristandade do Malabar, transmitida por quatro jovens desta região que, em 1539, foram frequentar o seminário em Lisboa²⁵.

A presença portuguesa foi decisiva para a preservação e a difusão dos poucos vestígios escritos e iconográficos relativos ao apóstolo existentes na Índia até à chegada dos portugueses. A literatura da Expansão Portuguesa na Índia destacou um conjunto de placas de cobre, adquiridas pelos portugueses em meados do séc. XVI, mas, atualmente, perdidas. Estas placas de metal fino e com cerca de 33 cms (um palmo e meio) de comprimento e 20 cm de largura (quatro dedos), tinham um texto em caldaico, malabar e árabe, e que concedia privilégios ao apóstolo. O texto, traduzido por um judeu local, dizia que um rei dera voluntariamente a S. Tomé, então morador de Cranganor, um terreno para edificar um templo na mesma cidade²⁶.

QUE, L. Lisboa, 1989.

²² OSSWALD, C. – *On otherness in India: O livro de Duarte Barbosa (C. 1516) seen in context*. «CEM - Cultura, Espaço & Memória», 6 (2015), p. 27.

²³ Correia – *Lendas da Índia*. Ed. cit., vol. II, p. 422; e COSTA, J. P. – *Gaspar Correia e a Lenda da Índia*. In ALBUQUERQUE, L. de & GUERREIRO, I. (ed. e org.) – *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa – Memórias*. Lisboa, 1985, p. 854.

²⁴ ANDRADE, A. A. Banha de (ed.) – *Gaspar Correia inédito*. Separata da «Revista da Universidade de Coimbra», 26 (1977), p. 11.

²⁵ Barros – *Ásia*. Ed. cit., 1ª Década, p. 344.

²⁶ Góis, D. – *Crónica de D. Manuel I*. Lisboa, 1978, p. 239; e Trindade, P. – *Conquista Espiritual do Oriente*. Lisboa: Centro de Estudos Ultramarinos, 1964, vol. II, pp. 321-322.

Os Jesuítas

Todas as ordens religiosas no Oriente e os seus cronistas aceitaram sem dificuldade a tese da missionação e da morte do apóstolo S. Tomé na Índia. Esta figura assumiu, porém, um papel especial para a missão jesuíta. Numa carta de 1545, Francisco Xavier afirmou que tinha sido forçado pelo vento a ir para Meliapor²⁷. Pelo contrário, os cronistas posteriores divulgaram a tese de que tinha sido Francisco Xavier a dirigir-se voluntariamente a esta cidade, dando à viagem um carácter porventura profético. Por exemplo, Fernão Guerreiro afirmou que Francisco Xavier foi em peregrinação a S. Tomé para conhecer o local onde a vontade divina teria profetizado que ele, Francisco Xavier, iria realizar a sua missão²⁸. Em 1542, Francisco Xavier inseriu o nome de S. Tomé no *Confiteor* da missa e, durante a sua visita a Meliapor em 1545, costumava rezar perante o altar do apóstolo²⁹.



**Fig. 2: Túmulo de S. Tomé,
Catedral de S. Tomé,
Meliapor/ Chennai;**
(Fotografia da Wikipedia).
https://en.wikipedia.org/wiki/Thomas_the_Apostle#/media/File:Tomb_of_St._Thomas_in_India.JPG. Acesso em 17 de Janeiro de 2018

A literatura jesuíta caracterizou-se ainda pelo estabelecimento de paralelismos entre o apóstolo S. Tomé e membros da Companhia, dada a conhecida vocação desta para a missão e o martírio. S. Francisco Xavier, apóstolo do Oriente, ganhou o estatuto de sucessor de S. Tomé. Por exemplo, Sebastião Gonçalves escreveu que o papa

²⁷ «Carta de Francisco Xavier, 8 de Maio de 1545». In BAPTISTA, F. S. (SJ) (ed.) – *São Francisco Xavier - Obras Completas*. Braga e São Paulo, 2006, p. 239.

²⁸ Guerreiro, F. – *Relação anual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas suas missões, nos annos de 1600 a 1609 e do processo da conversão e cristandade daquelas partes*. Coimbra, 1960, vol. II, p. 140.

²⁹ OSSWALD, C. – *A lenda do Apóstolo S. Tomé no Malabar e os Jesuítas entre os sécs. XVI e XVIII*. «Brotéria», 167 (2008), p. 144.

enviou S. Francisco para o Oriente, recomendando-lhe que, à imitação do apóstolo S. Tomé, difundisse “o nome e a religião cristã até os últimos fins do Oriente”³⁰. O mesmo cronista realçou o facto de Antonio Criminale, primeiro mártir jesuíta da Índia, ter sido, à semelhança de S. Tomé, trespassado por lança³¹.

Começando com Francisco Xavier, os jesuítas foram, com os franciscanos, os missionários que mais se distinguiram no estudo da tradição oral e da parca documentação escrita local, e na sua inserção nos circuitos de propaganda católica. Durante a sua estadia na cidade de Meliapor (atual Chennai), Francisco Xavier consultou documentos portugueses escritos respetivamente em 1530 e em 1543, considerando-os verdadeiros. João de Lucena, na sua «Vida» de S. Francisco Xavier, reafirmou veracidade destes dois documentos, recorrendo aos textos dos padres antigos (S. Gregório, Teodoro) e ainda aos martirologios³². Além das crónicas oficiais da Companhia de Jesus, é possível encontrar informação acerca dos cristãos de S. Tomé em cartas privadas de missionários na Índia (*bijuelas*), nas *litterae annuae* (relatórios anuais das missões escritos pelos provinciais), relatos oficiais, incluindo relatórios específicos acerca destas comunidades, e compilações de antigas tradições locais³³.

Um relato, descrevendo a comunidade de S. Tomé, da autoria do jesuíta português Francisco Dionísio de 1578 é um dos mais antigos documentos que contem a menção a livros e cânticos do Malabar³⁴. Na realidade, aos jesuítas devem-se várias coletâneas de edificação, incluindo hinos e cantigas destes cristãos compilados em línguas europeias. Estes textos narravam não apenas os milagres atribuídos pelas comunidades locais a este santo, como ainda os milagres que teriam ocorrido por sua intercessão, após a chegada dos portugueses.

Relembre-se, por fim, que o profundo conhecimento das comunidades de cristãos de S. Tomé difundido pela literatura jesuíta reflete ou está relacionado com o facto dos missionários jesuítas terem tido um contacto direto privilegiado com estas comunidades. Estes missionários que se espalhavam por uma área mais vasta eram, muitas vezes, os únicos missionários que viviam entre as

³⁰ GONÇALVES, S. – *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça*. Coimbra: 1957, vol. I, p. 48.

³¹ GONÇALVES, S. – *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com a divina graça*. Coimbra: 1960, vol. II, p. 34.

³² Lucena, J. – *História da Vida do Padre Francisco Xavier*. Lisboa, 1989, vol. I, pp. 164-168.

³³ OSSWALD, C. – *A lenda do Apóstolo S. Tomé no Malabar*. Art. cit., p. 140.

³⁴ “Relato da Cristandade de S. Tomé pelo P. Francisco Dionísio SJ, Cochim, 4 de Janeiro de 1578”. In WICKI, J. (ed.) – *Documenta Indica*. Roma, 1970, vol. XI, p. 133.

comunidades mais remotas.

O túmulo de Meliapor



Fig. 3: Relicário com suposto osso do braço de S. Tomé, Catedral de S. Tomé, Meliapor/ Chennai. (Fotografia da autora).

Na versão oficial da Igreja Católica, os restos mortais do apóstolo S. Tomé repousam na cidade italiana de Ortona, na Costa Adriática, desde 1258. Porém, ao longo da história, as cidades de Edessa, na Mesopotâmia, e Meliapor, na Índia, têm disputado este estatuto. A tese do túmulo indiano do apóstolo S. Tomé era conhecida na Europa desde o séc. VI, através do relato de S. Gregório de Tours (538-594).

Foi, todavia, com a chegada dos portugueses à Índia que esta tese ganhou maior visibilidade na Europa. Mais precisamente, a primeira expedição ao túmulo em 1517 marcou o início da grande devoção ao mesmo³⁵.

Este fluxo devocional fomentado pelas autoridades eclesiásticas e políticas foi oficializado ao mais alto nível em 1606 com a designação de Meliapor para capital duma nova diocese. A cédula consistorial justificava a escolha desta cidade “por motivo de aí repousar o corpo do mesmo S. Tomé”³⁶. Em simultâneo, a vontade de viver e ser enterrado junto ao túmulo do apóstolo materializou-se na transformação deste local quase deserto à chegada dos portugueses numa importante cidade³⁷.

João de Barros observou que S. Tomé tinha realizado muitos milagres em Meliapor, onde, diziam os naturais, fez uma casa e jazia enterrado³⁸. Os

³⁵ REGO, A. S. – *História das Missões do Padroado Português do Oriente*. Braga, 1993, p. 412.

³⁶ Thomaz – *A Lenda de S. Tomé apóstolo*. Ob. cit., p. 407.

³⁷ Ver o artigo de Subramahnyam, Sanjay – *Profit at the Apostles' feet*. In AUBIN, Jean (ed.) – *La Découverte, Le Portugal et l'Europe, Actes du Colloque*. Paris, 1990, pp. 217-233, acerca das relações entre devoção e economia junto ao túmulo de Meliapor.

³⁸ BARROS – *Ásia*. Ed. cit., 2ª Década, p. 343.

portugueses de Quinhentos tornaram-se nos principais defensores da tese do túmulo de Meliapor. Afirmou o mesmo cronista:

*E porque atrás prometemos de dar razão das cousas que esta Cristandade tinha deste Santo Apóstolo Santo, Padroeiro nosso naquelas partes da Índia, como Santiago é da Cristandade de Espanha*³⁹.

Como indicado nesta afirmação de Barros supra, a defesa acérrima desta tese por parte dos portugueses pode ser explicada dentro do contexto da competição político-devocional entre as duas coroas ibéricas. Ao guardar um túmulo dum apóstolo, a coroa portuguesa ganhava um estatuto devocional semelhante ao estatuto da sua congénere castelhana, guardiã do túmulo de Santiago. Este intuito de estabelecer paralelismos devocionais levou a hierarquia portuguesa a dedicar os primeiros dois templos cristãos a S. Tomé e a S. Tiago na cidade de Cranganor, cidade que era então maioritariamente habitada por comunidades cristãs de S. Tomé⁴⁰.

Uma tese bem mais recente lançada por Charles de Witte, e retomada por importantes historiadores atuais, como Luís Filipe Thomaz, Sanjay Subramanyam e ainda Ines Zupanov, inseriu a apologia da tese do túmulo de Meliapor no contexto da Reconquista. Observou Charles-Martial de Witte que os primeiros relatos acerca de S. Tomé na Índia e que chegaram com o regresso de Pedro Álvares Cabral ao reino deram-se no momento em que D. Manuel I alimentava o ideal cruzadístico contra os muçulmanos e da reconquista de Jerusalém. O domínio ibérico sobre os túmulos de dois apóstolos seriam fatores determinantes para o domínio do mundo muçulmano por parte da Igreja Católica⁴¹. Por isso, os cristãos de S. Tomé do Sul da Índia e os cristãos perdidos e reconquistados do Preste João foram aliados muito desejados do rei D. Manuel, essenciais ao seu projeto de conquistar Meca, libertando Jerusalém⁴².

A primeira descrição escrita do túmulo devida a portugueses é datada de Julho de 1517 e resultou da expedição realizada por cinco portugueses. Segundo este relato escrito pelo participante Manuel Gomes, os locais diziam que o corpo de S.

³⁹ BARROS – *Ásia*. Ed. cit., 3ª Década, p. 303.

⁴⁰ Gil, J. – *El Encuentro de los Portugueses con la Cristandad Nestoriana: Mitos y realidades*. «Mare Liberum», 10 (1999), p. 321.

⁴¹ DE WITTE, C. M. – *Un projet portugais de conquête de la Terre Sainte (1505-1507)*. In *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimientos Portugueses*. Lisboa, V/1 (1961), pp. 419-448.

⁴² Thomaz, L. F. R. – *Lidée impériale manueline*. In AUBIN, Jean (ed.) – *La Découverte, le Portugal et l'Europe*. Paris, 1990; Subrahmanyam, S. – *Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia*. «Modern Asian Studies», Cambridge (1997), pp. 735-762, e *Du Tage au Gange au XVIe siècle: une conjoncture millénariste à l'échelle eurasiatique*. «Annales, Histoire, Sciences Sociales» (2001), pp. 51-84; Zupanov, I. – «One civility, but multiple religions»: Jesuit mission among St. Thomas Christians in India (16th-17th centuries). «Journal of Early Modern History» (2006), p. 296.

Tomé se encontrava da parte do Evangelho, enquanto o corpo de S. Matias estaria enterrado da parte da Epístola. Mencionaram ainda a existência dum túmulo dum etíope que tinha servido S. Tomé⁴³.

A descoberta do presumível túmulo de S. Tomé pelos portugueses aconteceu, no entanto, apenas em 1523, graças a dois arménios que lhes serviram de guias. O túmulo era, aliás, objeto de grande devoção por parte da comunidade arménia. O dominicano Gaspar da Cruz, que visitou Meliapor em data desconhecida, referiu inclusive a existência de peregrinações da Arménia para Meliapor⁴⁴.

Além do corpo, cuja brancura foi, de imediato, interpretada como sinal inequívoco que se tratava do corpo do apóstolo, foram encontrados, junto ao mesmo, dois bocados da flecha ou da lança, objeto usado no martírio e na execução do apóstolo, bocados dum bordão que o mesmo usava em viagem, e ainda um vaso de terra⁴⁵, “abençoada com o sangue do apóstolo que sobre ela [a terra] tinha caído, quando foi martirizado”⁴⁶.

A historiografia portuguesa da expansão transmitiu, ademais, toda uma série de episódios taumatúrgicos relacionados com o túmulo. O uso de tomar terra do suposto túmulo, referido por Duarte Barbosa, perpetuou-se de geração para geração⁴⁷. Seguindo este hábito muito difundido entre os cristãos indianos, José e o seu irmão Matias carregaram consigo terra colhida do túmulo, como oferta preciosa para D. Manuel⁴⁸. Era ainda tradição que as mulheres grávidas fizessem barro com terra ou do túmulo ou do local do martírio, esfregando depois a barriga com este barro, para motivar partos felizes e rápidos. Também se procurava curar dores de cabeça e outro tipo de dores, colocando-se esta terra molhada sobre as áreas do corpo dolorosas⁴⁹.



Fig. 4: Relicário com bocado da lança com a qual terá sido morto S. Tomé. Catedral de S. Tomé, Meliapor/Chennai. (Fotografia da autora).

⁴³ “Carta que foi feita na Índia na casa de S. Tomé por Manuel Gomes em Julho de 1517”. In REGO, A. S. (ed.) – *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*. Lisboa, 2ª edição, vol. I, p. 297.

⁴⁴ Cruz, G. – *Tratado das coisas da China: Évora, 1569-1570*. Lisboa, 1997, p. 250.

⁴⁵ Barros – *Ásia*. Ed. cit., 3ª Década, p. 342.

⁴⁶ “Carta de Afonso Pacheco SJ ao Geral Everardo Mercuriano, Goa, Novembro de 1577”. In *Documenta Indica*. Ed. cit., 1967, vol. X, p. 977.

⁴⁷ *Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*. Ed. cit., p. 131.

⁴⁸ Thomaz – *A Carta que mandaram os Padres da Índia, Da China e da Magna China*. Art. cit., pp. 131-132.

⁴⁹ Trindade – *Conquista Espiritual do Oriente*. Ed. cit., vol. III, 1967, pp. 422-423

Um presumível osso do braço do apóstolo S. Tomé constitui uma das mais importantes relíquias ligadas a esta figura. A veneração ainda hoje prestada a esta relíquia provem do assim chamado milagre do braço. No séc. XVI, os cristãos locais contavam que, quando enterraram S. Tomé, o braço, com o qual teria tocado nas chagas de Cristo, ficou fora do túmulo, até forças inimigas do cristianismo o terem tentado cortar. Nessa altura, o braço escondeu-se dentro da terra. Nas versões de Duarte Barbosa e Paulo da Trindade, os inimigos eram chins, enquanto que para o missionário jesuíta Afonso Pacheco se tratou dum grande exército chefiado pelo rei mogol, inimigo feroz dos cristãos⁵⁰.

A lenda do pavão



Fig. 5: Gravura da obra de Athanasius Kircher, *Soc. Jesu China Monumentis, Qua Sacris quâ Profanis, Nec non variis Naturæ & Artis Spectaculis, Aliarumque rerum memorabilium Argumentis Illustrata, auspiciis Leopold Primi, Roman, Imper. semper Augusti, Mumificentissimi Mecænatis*, Amsterdam, 1667; (Fotografia da Wikipedia); https://en.wikipedia.org/wiki/Roman_Catholic_Diocese_of_Saint_Thomas_of_Mylapore Acesso em 7 de Outubro de 2017.

S. Tomé poderá ter sido o único mártir por acaso do cristianismo! Pois, numa das mais curiosas versões da lenda no Sul da Índia, um caçador teria morto o apóstolo, quando este se encontrava transfigurado em pavão. O carácter exótico desta lenda e a sua relação com a designação do local onde se encontra um presumível túmulo de S. Tomé terão, aliás, contribuído para que a mesma tivesse sido difundida à exaustão pela documentação portuguesa.

No relato de Duarte Barbosa, seguido por Lopes de Castanheda, S. Tomé, transfigurado em pavão, foi atingido por uma flecha dum caçador. Quando atingido, voltou à sua natureza humana, caindo junto ao caçador. Ao levantar-

⁵⁰ *Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*. Ed. cit., p. 131; Trindade – *Conquista Espiritual do Oriente*. Ed. cit., vol. II, p. 290; e “Carta de Afonso Pacheco SJ ao Geral Everardo Mercuriano, Goa, Novembro de 1577”. In *Documenta Indica*. Ed. cit., vol. X, p. 981.

se, S. Tomé deixara duas pegadas na pedra. Esta foi posteriormente colocada junto ao corpo em Meliapor⁵¹.

A mesma lenda foi incluída na inquirição de 1517 e na inquirição de 1530. Esta segunda inquirição apresenta uma versão mais rica, pois habitantes locais teriam contado aos autores que compilaram a mesma inquirição que o apóstolo tinha, por hábito, transfigurar-se, não só em pavão, como também em cervo ou em anjo⁵². Na sua obra maior, *Oriente Conquistado a Jesus Cristo*, escrita entre 1695-1705, o cronista jesuíta Francisco de Sousa aumentou igualmente o carácter sobrenatural desta lenda, usando a comparação da alma de S. Tomé a voar para o céu em figura de pavão com as almas de Santa Eulália e Santa Escolástica, em forma de pomba⁵³.

João de Lucena fez corresponder Meliapor à antiga Calamina, que significa pavão, pois “entre as aves esta é a mais famosa, assim vencia aquela cidade todas as do Oriente em prosperidade e formosura”⁵⁴. Mailapur, em tâmil Maylapur, corresponde ao sânscrito Mayrapura, isto é, a cidade do pavão. Segundo a tradição local, Mailapur provém do nome da deusa protetora do local Mayrvalli, divindade do panteão vixnuita. Esta tradição, mencionada por três textos, respetivamente dois textos compilados em siríaco e um em português por cristãos do Malabar, é particularmente interessante, dado incluir elementos mitológicos do Budismo, do Shivaismo e do Hinduísmo⁵⁵.

O Deus Subrahmanyam, filho de Shiva, monta um pavão. Curiosamente, no séc. XVII, foi encontrada uma estátua de Shiva a cavalgar o pavão a cerca de 200 m da gruta. Uma das reencarnações de Parvati, mulher de Shiva, é exatamente como pavão. Uma lenda budista do Cachemira, no Norte da Índia, pode ser igualmente relacionada com esta lenda cristã. Em 640, um peregrino budista no Cachemira ouviu a história que Buda se tinha transfigurado em um pavão e tinha escavado uma fonte com o bico numa rocha. Desta fonte começou a jorrar água que tinha propriedades curativas⁵⁶.

Pensamos ainda que esta lenda com a menção da fonte com água detendo propriedades curativas pode ser aproximada à lenda do martírio de S. Tomé, como transmitida por João de Barros e Gaspar Correia. Lê-se no relato do primeiro que S. Tomé foi, a mando de brâmanes, primeiro apedrejado. Quando

⁵¹ *Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*. Ed. cit., pp. 130-131; e CASTANHEDA – *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*. Ed. cit., vol. 1, p. 129.

⁵² “Texto da inquirição de 1530”. In COSTA – *Gaspar Correia e a lenda de S. Tomás Apóstolo*. Ob. cit., p. 143.

⁵³ Sousa, F. – *Oriente Conquistado a Jesus pelos padres da Companhia de Jesus da Província de Goa*. Porto, 1978, p. 232.

⁵⁴ Lucena, J. – *História da Vida do Padre Francisco Xavier*. Ob. cit., vol. I, p. 163.

⁵⁵ Thomaz – *A Lenda de S. Tomé Apóstolo*. Art. cit., p. 15.

⁵⁶ BEAL, S. – *Si-uy-ki. Buddhist Records of the Western World*. Londres, 1884, vol. I, p. 126.

se encontrava moribundo, foi trespassado por lanças junto a uma fonte⁵⁷. Gaspar Correia mencionou uma pequena gruta situada entre a Santa Casa e o monte, onde a pedra tinha sido encontrada. O apóstolo tinha, por hábito, recolher-se nesta gruta onde, ao bater com o seu bastão, fez surgir água, de modo milagroso⁵⁸.

A predestinação (as profecias da água do mar e da cruz) e a sua ligação com a tese da decadência

Os autores portugueses usaram as tradições europeias que podiam ser relacionadas com as tradições indianas acerca de S. Tomé, na medida em que pareciam corresponder à dimensão religiosa do projeto imperial português na Ásia. É neste contexto de estabelecimento de concordâncias entre as tradições europeias e indianas que se insere a predestinação.

Tema omnipresente na gesta das descobertas portuguesas, a predestinação também marca a lenda hagiográfica relativa ao apóstolo S. Tomé. Por outras palavras, os portugueses foram céleres em aproveitar tradições locais suscetíveis de serem modificadas, de modo a serem também eles protagonistas das mesmas narrativas. Era o caso das lendas referindo pessoas brancas, facilmente identificadas com portugueses. Por exemplo, uma lenda dizia que no Malabar um antigo canayate (bruxo) tinha dito que toda a Índia seria assenhoreada por um rei de muito longe, chefiando gente branca⁵⁹.

A literatura portuguesa divulgou ainda um relato atribuído às fontes locais, segundo o qual pessoas brancas chegariam a este local no momento em que o mar atingisse uma casa construída pelo apóstolo na praia, como se lê nas seguintes palavras atribuídas em 1517 pelo português Diogo Fernandes aos cristãos locais:

Agora se cumpre, segundo parece, uma profecia de que falavam os nossos antepassados; que viria um tempo em que chegariam pessoas brancas e vestidas, que dariam alimento e vestidos aos negros; e que quando o mar chegasse à casa do Apóstolo, então seria o fim do mundo⁶⁰.

Esta profecia da chegada das águas, que apregoava que homens de tez branca e vestidos, os portugueses, viriam salvar os cristãos locais, quando as águas do mar chegassem à cruz em Meliapor, acentua o carácter de predestinação deste

⁵⁷ Barros – *Ásia*. Ed. cit., 3ª Década, p. 342.

⁵⁸ CORREIA – *Lendas da Índia*. Ed. cit., vol. III, pp. 421-423.

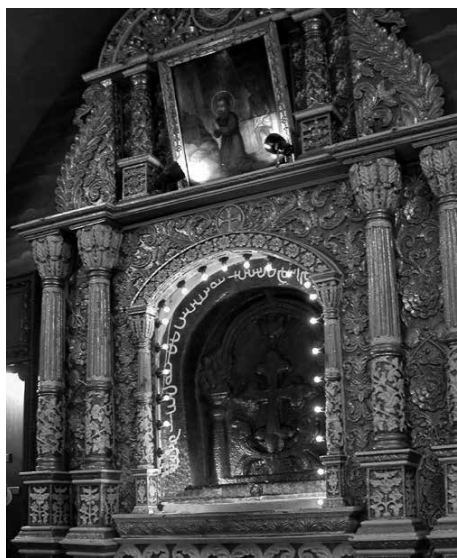
⁵⁹ CORREIA – *Lendas da Índia*. Ed. cit., vol. I, p. 69.

⁶⁰ Citação de Diogo Fernandes in Schurhammer, G. – *Francisco Javier: su vida y su tiempo*. Bilbao, 1992, vol. II, p. 743.

encontro entre cristãos do Ocidente e Oriente propagado pelos portugueses de Quinhentos e Seiscentos⁶¹.

Em 1546, quando os portugueses procediam à reparação da igreja no presumível local do martírio do apóstolo [todas as lendas locais parecem concordar na versão que o apóstolo foi morto num local chamado Chinnamalay ou Monte Pequeno, tendo o seu corpo sido depois trasladado para o local do seu enterramento em Meliapor], foi encontrada uma pedra grande com uma cruz, aos olhos dos portugueses semelhante à cruz de Ordem de Avis. A cruz seria encimada por uma pomba do Espírito Santo e apresentava manchas, descritas como gotas de sangue fresco e com uma inscrição que referia o martírio do apóstolo. De imediato, os portugueses consideraram que se tratava da pedra, perante a qual o santo se encontrava em oração, quando padeceu martírio⁶².

Fig. 6: Retábulo com a pedra milagrosa, Igreja de S. Tomé em Sinnamalay (Monte Pequeno), Meliapor/ Chennai. (Fotografia da autora).



Durante a festa da Apresentação, oito dias antes do Natal, esta pedra com a cruz foi colocada em modo de retábulo⁶³. Iniciou-se, então, um fenómeno taumatúrgico que se terá repetido anualmente durante a mesma festa, até 1695. Durante a celebração solene da mesma festa, a pedra branca ou parda, conforme os relatos, mudaria em várias cores e lançaria muito suor, ficando algumas vezes em sangue vivo. Inicialmente, até 1563, este milagre era sinal de felicidade, depois de trabalhos

⁶¹ OSSWALD, C. – *A Coroa Portuguesa e o Culto de S. Tomé Apóstolo*. In SILVA, C. G. (ed.) – *História do Sagrado e do Profano*. Lisboa, 2008, p. 82.

⁶² Barros – *Ásia*. Ed. cit., 1ª Década, p. 343; “Carta de Belchior Nunes SJ a Leão Henriques SJ, Ceilão, 20 de Janeiro de 1567”. In *Documenta Indica*. Ed. cit., vol VII, p. 195; e SANTOS, J. – *Etiópia Oriental (1609)*. Lisboa, 1990, vol. I, p. 199.

⁶³ “Carta de Francisco de Pina SJ ao Geral Diego Lainez, S. Tomé (de Meliapor), 11 de Dezembro de 1563”. In *Documenta Indica*. Ed. cit., vol. VI, pp. 91-92.

ou maiores infortúnios para os portugueses⁶⁴. Por exemplo, em 1690, este fenómeno foi seguido da perda de Mombaça para tropas árabes⁶⁵. Destaque-se ainda que as duas principais profecias supra – a profecia das águas e a profecia das modificações da pedra – foram mencionadas na principal obra de apologética do Império Português, como “Jus Império”, devida à pena de Serafim de Freitas e cuja primeira edição foi publicada em Valhadolid em 1625⁶⁶.

Um dos aspetos porventura mais arditos da campanha propagandística, justificando a presença portuguesa, foi a teoria da decadência da herança de S. Tomé e, por conseguinte, da necessidade de restabelecer a mesma. Um relato do jesuíta Francisco Dionísio de 1578 constitui um dos mais antigos documentos escritos europeus que consideram a perda de memória, a dispersão geográfica razões para os “erros teológicos e culturais” da cristandade de S. Tomé no Sul. Mais precisamente, “tal memória” limitava-se a igrejas decoradas apenas com cruzeiros e ao hábito destes cristãos darem nomes de santos católicos aos filhos.

Dionísio destacou ainda que vestígios sagrados do apóstolo se encontravam em forma de relíquias e impressos na paisagem, mas apenas superficialmente presentes na consciência humana. Considerava ainda que a doutrina dos seus contemporâneos descendentes dos locais convertidos por S. Tomé, em especial, nas serras remotas dos Gates Ocidentais se encontrava corrompida pelo facto destes viverem há muitos séculos dispersos entre comunidades de hindus⁶⁷.

Conclusões

A missão e a morte de S. Tomé, apóstolo no Sul da Índia, que, pelo menos, em grande parte se encontra eivada de traços lendários, é um episódio da História do Cristianismo com um grande sucesso no imaginário da Europa medieval.

Após um certo hiato nos contactos entre a Europa e a Ásia em finais da Idade Média também no que se refere à circulação de informação sobre este culto, os sucessores leigos e religiosos de Vasco da Gama na Índia, sob o comando da coroa, tornaram-se nos principais agentes da difusão da tese da missão e da morte do apóstolo Tomé no Sul da Índia, com o recurso a uma ampla documentação, como cartas, relatos das inquirições e das escavações e ainda a cronística imperial. Destacaram-se neste processo os jesuítas, linguistas exímios e com maior difusão geográfica, o que lhes facilitou o contacto direto com as

⁶⁴ SOUSA – *Oriente Conquistado*. Ed. cit., p. 236.

⁶⁵ MUNDADAN, M. – *The arrival of the Portuguese in India and the Thomas Christians*. Bangalore, 1967, p. 59.

⁶⁶ FREITAS, S. – *Do justo Império asiático dos portugueses*. Lisboa, 1959, vol. I, pp. 381-382.

⁶⁷ DIONÍSIO, F. – “Informação da Cristandade de S. Tomé, que está no Reino do Malavar, reino da Índia Oriental”, 4 de Janeiro de 1578”. In *Documenta Indica*. Ed. cit., 1970, vol. XI, pp. 134-136.

fontes escritas e tradições orais, incluindo nas zonas mais recônditas.

O “túmulo indiano” de S. Tomé, qual resposta ao túmulo “espanhol” de Santiago ou ainda parte da Reconquista manuelina, foi compreensivelmente o cerne da hagiografia portuguesa de S. Tomé e a Índia do Sul. Perpetuaram-se eventos taumatúrgicos anteriores, como acontecia com os poderes curativos atribuídos à terra do túmulo, e transmitiram-se episódios claramente lendários, como era o caso da muito curiosa lenda do pavão ou a lenda do braço. Para concluir, os portugueses usaram as profecias da água e da modificação da cruz, com a referência dos homens de tez branca facilmente identificáveis com os próprios portugueses, em relação com a necessidade de recomporem a veracidade da fé. Com isto conceberam uma estratégia da predestinação, justificação para a sua presença em terras da Índia.

Artigo recebido em 21/05/2017.

Artigo aceite para publicação em 12/09/2017.